

BRINCADEIRAS INFANTIS: (RE)CONSTRUINDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Valdonilson Barbosa
dos Santos*

Introdução

O presente artigo tem o propósito de refletir como as brincadeiras infantis são portadoras de conteúdos de gênero e, conseqüentemente, de masculinidade. Nesse sentido, alguns questionamentos se fazem necessários para o aprofundamento de tal reflexão. Como são construídas as relações de gênero nas brincadeiras infantis? Que mecanismos utilizados na interação social infantil (re)produzem e/ou (re)atualizam valores relacionados à masculinidade enquanto norma social?

As reflexões sobre tais questões servem de suporte para o entendimento das ati-

vidades lúdicas infantis como portadoras de significados e significações sociais das relações de gênero, contribuindo, assim, na formação dos indivíduos e delimitando espaços relacionados ao masculino e ao feminino, que se dá principalmente através do processo de socialização. A dimensão gênero estabelece categorias de entendimento das relações sociais e cria dimensões simbólicas da divisão do mundo em masculino e feminino, constituindo-se numa dicotomia e num princípio no qual "(...) o corpo é o lugar investido simbolicamente para confirmar esta ontologia. E o processo

* Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco e Pesquisador do FAGES – Núcleo Família, Gênero e Sexualidade da UFPE.

de incorporação dos significados do gênero resulta como um consenso vivido em virtude da sua aprendizagem ser permanente, não focada, não verbal e não refletida" (Vale de Almeida, 1995: 165).

Pesquisar brinquedos e brincadeiras infantis implica investigar as concepções que as crianças têm sobre os mesmos e os significados sociais mais amplos que lhes são atribuídos para a formação de uma construção que reforça ou (re)define o que é ser homem e o que é ser mulher. Para tal apreensão, se fez necessário observar não só a organização da rotina e do espaço físico em que estavam inseridas as crianças, mas também as conversas e as relações estabelecidas no momento do brincar. Tais aspectos, serviram de guia para entender a complexa teia de relações e significados que estão presentes na identificação da maneira como adultos e crianças sentem, pensam e interagem, definindo atitudes e comportamentos via processo de socialização e apropriação da cultura.

Entende-se que a formação do "*ser homem*" está intimamente relacionada à tentativa de compreender as relações entre o masculino e feminino, dentro dos parâmetros que visam buscar as significações de gênero. Essas são caracterizadas, principalmente, pela diferença dos gostos, preferências, comportamentos e atitudes atribuídas a cada sexo, sendo, pois, necessário entender os diferentes sentidos que são dados às ações correntes de homens e mulheres. O que, por sua vez, implica na busca dos significados simbólicos presentes na trama social, a exemplo, das maneiras de (re)pensar e de (re)classificar, as diferenciações e desigualdades de gênero, presentes tanto na forma de perceber as coisas como na forma em que em que essas se apresentam. No processo de aprendizado social, comumente, os homens são orientados para se preocuparem com a avaliação feita sobre sua masculinidade, o medo de perder a estima ou a consideração do grupo, de ser remetido à categoria,

tipicamente feminina, dos 'fracos', dos 'delicados', dos 'mulherzinhas', dos 'veados'.

Para a compreensão do universo que envolve essa teia complexa de construção dos significados das relações de gênero realizou-se uma pesquisa etnográfica,¹ na Comunidade Brasilit, uma área ZEIS,² situada no bairro da Várzea, cidade do Recife. O objetivo era apreender das atividades lúdicas infantis na (re)construção do gênero. O universo de análise contemplou crianças na faixa etária de 8 a 14 anos de idade. A técnica empregada foi a observação direta.

Entender a forma e o estilo de vida na Comunidade, observar falas, piadas, gestos ou qualquer outro código de expressão que traduz os sistemas simbólicos. Isso se mostrou fundamental no processo de apreensão dos significados de gênero denotando assim, "um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" (Geertz, 1989: 103).

Como estratégias de apreensão de informações, tomou-se necessário, a visitação aos locais onde se dava a prática do jogo de futebol, atividade lúdica escolhida para análise, criando-se uma rotina de observação das partidas de futebol, anotando-se as falas de moradores e das crianças que participavam do jogo, seja jogando ou apenas assistindo. As partidas foram realizadas num campo de futebol de várzea, situado nas imediações da Comunidade.

O material observado em campo se junta às reflexões abstratas, servindo de base para a problematização sobre brinquedos e brincadeiras infantis como instrumentos de aprendizado, (re)produção e (re)definição de valores ligados às formas de diferenciar e desigualar o masculino e o feminino. Um caminho que se considera fértil de entendimento da configuração das relações de gênero. Percorrendo essa direção, pro-

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

curou-se trilhar uma perspectiva que levasse em consideração as várias possibilidades de manifestação dos valores relacionados a gênero, mapeando as formas de (re)produção e (re)definição freqüentemente incorporadas aos valores ligados ao modelo hegemônico de masculinidade.

Gênero e masculinidade

O gênero é uma forma de ordenamento da prática social (Connell, 1997), ou em outros termos, uma construção social (Scott, 1991). Ao indicar o gênero como construção social, Scott (1991) dá relevância aos sistemas de significação, que, sem dúvida, merecem uma atenção redobrada porque através deles se pode compreender a formação e costuras das relações sociais, tornando-se indispensável emergir nesse mundo dos sistemas de significação como passaporte de uma interpretação mais apurada da realidade.

Partindo, desse pressuposto se faz necessário uma reflexão que busca os sentidos e os significados de gênero para além da dicotomia, para entendê-lo no seu aspecto relacional e, sobretudo, simbólico. Nesse sentido, o gênero deve ser entendido como uma categoria que extrapola o nível das ações sexuadas. Desse modo, portanto, as significações de gênero devem ser consideradas em sua forma mais ampla, englobando conteúdos e fatores sociais que estão presentes na agência e estrutura, leia-se indivíduos e instituições.

Evocando os estudos sobre masculinidades que floresceram à luz das teorias de gênero, trabalha-se sob a ótica de uma categoria analítica. Em meio a qualquer sociedade, em qualquer época e contexto há múltiplos sentidos e significados de ser homem (Kimmel, 1998). Por exemplo, o significado de ser homem mais velho, negro e gay em São Paulo, provavelmente, é diferente do que significa ser um jovem fazendeiro, branco e heterossexual no Piauí. Assim, os significados de masculinidades variam de

cultura para cultura, em diferentes períodos históricos, entre homens em meio a uma cultura e, também, no curso de uma vida. Isso significa que não se pode falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. (Kimmel, 1998).

Vale de Almeida (1995), seguindo nessa linha de raciocínio, chama atenção para o fato do modelo de masculinidade ser internamente hierarquizante, incluindo, aspectos da feminilidade nas disputas pela masculinidade. Ou seja, "na competição feminiza-se os outros, na solidariedade vangloria-se a sua masculinidade. A homossexualidade é eivada de sentidos estigmatizadores através de um deslize semântico de várias categorias homólogas: feminilidade, passividade, submissão, penetração das fronteiras do corpo" (Vale de Almeida, 1995:178).

Na atividade lúdica do tipo jogo de futebol, observou-se que os meninos tendiam a feminizar o adversário e supervalorizar suas qualidades potenciais, num embate que indicava a existência de uma hierarquização interna na construção de um *ethos* masculino. Essa característica está associada ao *habitus*,³ tanto para homens quanto para mulheres, e se dá nas práticas cotidianas, nem sempre questionadas porque foram internalizadas e objetivadas como "verdadeiras". Ou como diz Bourdieu (1999: 34), "(...) inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos)".

Para entender a dinâmica e diversidade da construção do *ethos* masculino Vale de Almeida (1995:163) toma por base de análise o conceito de masculinidade hegemônica que diz ser, "um modelo cultural ideal que, não sendo atingível – na prática e de forma

consistente e inalterada – por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador”.

Os significados circulantes sobre gênero, herdados do passado, assentam numa simbólica de divisão do mundo em masculino e feminino, constituindo numa dicotomia fundamental e princípio classificatório. Assim, a concepção de gênero como um processo e não como algo da essência leva, automaticamente, ao enfoque de como esse processo é exercido e articulado nas relações cotidianas. O processo de socialização reforça essa constituição das relações de gênero como um processo. Através dele se apresenta uma infinidade de relações e significações de mundo. Entre elas, estão as atividades lúdicas infantis como componentes tradutoras dos valores relacionados ao gênero e, em particular, da construção da masculinidade.

Sendo assim, a socialização, torna-se importante para entender como se (re)significam as relações de gênero e como essas passam por um processo de aprendizado presente em diferentes fases da vida e em diferentes níveis da realidade, mas, sobretudo, na infância. O referido processo é, então, de fundamental importância para se entender como as práticas sociais se estabelecem na vida cotidiana de cada um de nós. É a partir dele que os indivíduos tomam conhecimento dos fenômenos sociais, passam a vivenciá-los, geralmente, sem se perguntarem sobre suas origens ou finalidades. Percebem-no como algo reificado, como se tudo existisse sem a participação dos indivíduos ou, mesmo, acontecesse antes deles, visto que quando nasceram já encontraram os fatos sociais estabelecidos, o que faz com que percam de vista o seu papel de construtores da realidade. É a socialização, principalmente na fase primária, que fornece substratos aos indivíduos para uma primeira visão ou idéia sobre o que é o mundo e quem é ele e os outros no mundo.

Nesse contexto de aprendizagem e internalização que transforma meros indi-

víduos em seres sociais, as atividades lúdicas infantis são práticas que, além de marcarem uma determinada fase de crescimento, transmitem lógicas de pensamento, impõem barreiras, desenvolvem a coordenação motora e introduzem as crianças num mundo de códigos e símbolos que vão fazer parte da sua realidade, ajudando-as a interpretar e decodificar os vários aspectos do seu cotidiano. São ainda, espaços de socialização para criação e manipulação de regras. Nesse sentido, “o jogo é um exemplo da capacidade infantil de criar e manipular regras que são, há um tempo, lógicas e morais. A utilidade do jogo é como um veículo para o desenvolvimento da cognição e da vida moral e procura diferenciar os vários estágios de apreensão das regras do jogo a partir das diferentes idades dos jogadores”(Piaget apud Carvalho, 1990: 192).

As atividades lúdicas se configuram como elementos constitutivos das práticas sociais estabelecidas desde a primeira etapa de formação das crianças. É nesse sentido que se percebe o processo de subjetivação de conteúdos sociais que são passados para os indivíduos e interiorizados por eles como instrumentos essenciais na compreensão dos significados da realidade e dos indivíduos, como mostra Oliveira (1998: 17) quando diz que “(...) a cultura delimita o significado de masculino e feminino e define padrões de papel sexual, isto é, conglomerados de comportamentos socialmente aceitos e prescritos que definem homens e mulheres” ou ainda quando afirma que “dentro da perspectiva da aprendizagem, o sistema social parece fazer com que as crianças do sexo masculino caminhem por um lado e as do sexo feminino por outro, no sentido conseqüente de como ser homem e como ser mulher”. Ressalta-se que a aprendizagem no que diz respeito ao processo socializador, não acontece somente no espaço doméstico e familiar, ela se dá também na escola, na igreja, nas rodas de amigos, etc.

A reafirmação constante do gênero masculino é o que vai caracterizar toda a

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

socialização do ser homem. Nesse sentido, as atividades lúdicas infantis podem ser consideradas como elementos diferenciadores de dois mundos vividos pelas crianças, o masculino e o feminino, construídos a partir de contextos sociais e lugares específicos estabelecidos culturalmente e consubstanciados em "um processo de formação que se realiza como aprendizagem, imitação, interpretação e internalização dos modos de agir, da linguagem, dos valores e normatizações de uma determinada sociedade" (Duque-Arazola, 1997: 352). Os homens são socializados para se verem como pessoas fortes e autônomas, cuja sexualidade deve ser exercida como prova de masculinidade (dentro e/ou fora do próprio domicílio). Já a docilidade, fragilidade, criação dos filhos e cuidar dos outros são vistos como atributos e atividades femininas, coisas que dizem respeito às mulheres (Belotti, 1995).

Através das brincadeiras infantis das crianças se criam conteúdos imaginários para os brinquedos. Por exemplo, quando num jogo de futebol entre crianças se apresentam práticas e valores que socialmente são caracterizados como pertencentes ao universo masculino, exige-se maior esforço, confronto corpo a corpo, movimentos violentos e habilidade com a bola. Em relação aos discursos dirigidos aos companheiros ou aos adversários o vocabulário é, geralmente, recheado de palavras, o que não acontece na presença das meninas. Isso ficou evidente quando, no caso pesquisado, o representante comunitário repreendeu os meninos que diziam palavras no torneio de futebol, diante de uma moça que apreciava a partida.

As brincadeiras infantis, portanto, dão luz aos hábitos, num processo de inculcação de atos rotineiros como falar, comer, dormir, vestir, andar, comportar-se, etc. Todo hábito entra na vida como brincadeira, com suas sutilezas e eficiência, petrificando costumes, práticas e atitudes, incorporando ações e reações reconhecíveis e irreconhecíveis.

Dessa forma, se pode dizer que as formas de lazer e suas especificações na ordem das coisas têm reflexo na e para a sociabilidade dos indivíduos, na medida que especifica, determina, separa, o que é próprio ao homem e/ou à mulher. Isso se inicia na infância e até mesmo, antes do nascimento, pois, dependendo do sexo, há toda uma espera e preparação de chegada para moldá-la através de cores, roupas e formas de lazer.

Na sociabilidade de meninos e meninas, as atividades lúdicas infantis constituem-se como um dos espaços de formação da masculinidade. Nesses espaços lúdicos, cada esporte pode oferecer um modo particular de codificação e um *ethos* específico, ou seja, vários significados de masculinidade podem ser aí elaborados. Vários jogos e brincadeiras (bola de futebol, bolinhas de gude, pipa, pião, carrinho, revólver) estão associados aos símbolos masculinos por exigirem espaços amplos que não os da casa, só encontrados na rua, indicando, dessa forma, a expressão de exterioridade requerida e manifestada na linguagem sexista do senso comum, elegendo o homem como um ser da rua. Paralelamente, observou-se alguns brinquedos e brincadeiras que imitam os móveis de cozinha, cama e mesa, todos símbolos do feminino, apropriados para se brincar em pequenos espaços, como os da casa. Isto afirma a sua representação como pertencendo ao espaço doméstico, *um ser da casa*. Caracterizando-se, pois, como mediações imediatas do processo de socialização de gênero de meninos e de meninas, do seu aprendizado, interpretação e internalização das relações de gênero e de poder, em outros termos, "(...) os jogos e brincadeiras refletem/reforçam as relações sociais de gênero, constituindo-se, para as meninas, um instrumento de socialização para a subalternidade" (Duque-Arazola, 1997: 368). Portanto, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são portadores de conteúdos simbólicos de gênero, especificamente, a

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

construção social da masculinidade e seus reflexos nas relações de gênero.

A pelada nos campinhos da várzea

O "racha" ou "pelada" é geralmente jogado em campos de várzea, praças, ruas de pouco movimento, gramados de jardins públicos, terrenos baldios, praias. É um jogo de bola muito difundido entre crianças e adultos, sem distinção de idade. Em qualquer espaço, e com uma bola se pode jogar uma pelada ou racha, versão informal do popular jogo de futebol.

Geralmente os "peladeiros" vão se reunindo aos poucos e, enquanto esperam a adesão de outros participantes, aproveitam para disputar linha de passe, bobinho, cascudinho, dupla, chute-a-gol. Estas jogadas que antecedem a pelada, propriamente dita, são formas de atrair novos companheiros e, paralelamente, proporcionar o aquecimento dos jogadores. Reunido o grupo com número fixo de participantes, mas sempre igual para cada lado, marcam-se as balizas que podem ser improvisadas de várias maneiras: camisas, chinelos, pedras, pedaços de pau, galhos de árvore, etc.

Na pelada, as regras do futebol não são consideradas, isto é, vale tudo.⁴ Uma exceção é a mão na bola. Esta falta provoca a interrupção da partida, quando é então cobrada a penalidade, que poderá ser um pênalti, caso o lance tenha ocorrido dentro da área. Quando jogada na rua ou em praças, freqüentemente, não há goleiros, sendo balizas demarcadas em tamanho bastante reduzido para dificultar o gol.

Sem tempo determinado de duração - a não ser quando se combina previamente o número de gols - o jogo se desenvolve até escurecer, com incentivos e vaias dos assistentes e torcedores. Quando não há combinação prévia do número de gols da partida, o fim poderá ser determinado pelo primeiro gol feito a partir do momento em

que alguém grita: - "Quem fizer o primeiro gol ganha!". A pelada, então, se torna mais animada com os dois times querendo ter a honra de marcar o último gol e, conseqüentemente, saírem vencedores.

Saindo da caracterização geral desses "rachas" ou "peladas", passa a se especificar alguns acontecimentos observados durante as partidas de futebol observadas. No campo, notou-se a presença de um público diversificado, que abrangia uma diversificada faixa etária, com formas de lazer para homens adultos, jovens, adolescentes e crianças. As formas de lazer variavam desde a prática de se jogar futebol até empinar pipa. No complexo esportivo existiam dois campos de futebol, com dimensões que se aproximavam das medidas dos estádios de futebol profissionais e uma quadra poliesportiva aonde rapazes e moças costumavam jogar voleibol.

Esses campos se configuravam como espaços de homosociabilidade, nos quais homens e meninos jogando e/ou assistindo compartilhavam, não só de um espaço físico, mas também dos espaços simbólicos, dos códigos e valores que perpassam o mundo de construção do modo de ser masculino. Modo este estabelecido através de infinitas formas de sociabilidade e diferenciadas segundo os movimentos simbólicos que são eles próprios o fio condutor do conhecimento.

A formação dos times não tinha um critério bem definido, a lógica mais clara era o grau de amizade entre os meninos e quem tivesse mais habilidade com a bola de futebol. Cada equipe era composta por três jogadores.⁵ O número de equipes variava de um dia para o outro, houve dias que só tinham três equipes e dias que tinham cinco equipes. Duas equipes começavam jogando e as demais ficavam esperando sua vez, que acontecia quando uma das equipes que estavam jogando fazia um gol ou quando chegava o tempo mínimo de 10 minutos por partidas, tempo estabelecido pelos próprios meninos. Habitualmente, os rachas se iniciavam na parte da tarde e duravam de três

a quatro horas, até o pôr-do-sol. Em um dia de jogo ocorria entre nove ou dez partidas diferentes. Cada jogo era precisamente igual aos outros, em seu padrão geral.

Referente a contestação das regras, as infrações são cobradas com um jogador colado a bola, impedindo a sua passagem diretamente. Qualquer jogador podia pedir falta, pois não existia a figura do árbitro e isso, muitas das vezes, ocasionava brigas e contestação por parte de alguns meninos que não se conformavam com o pedido de uma falta. Esse fato ocasionava insultos que desembocavam na verbalização direcionadas à virilidade, ao questionamento do menino enquanto homem. Pedir uma falta que não seja ríspida colocava os meninos em acusações mútuas sobre a força do outro. Moleza e fraqueza não combinavam com o requisito de masculinidade exigido nos rachas. Há uma vasta literatura sobre a construção da masculinidade no esporte, tendo a força física e emocional masculina como elemento importante da construção de um *ethos* masculino (Sabo, 2002; Bourdieu, 1999; Louro, 1997).

Era freqüente observar, através de afirmações espontâneas, a exaltação das potencialidades como também a diminuição dos adversários. Essa diminuição se apresentava como instrumento de valorização da masculinidade, porque as virtudes são, quase sempre, associadas a adjetivos masculinos, enquanto que os adjetivos de desqualificação, são associados ao feminino. Pode-se dizer que os jogos e as brincadeiras observados não só ensinavam os meninos a se considerarem superiores às mulheres, mas também evitarem tudo aquilo que se refere ou se define culturalmente como atividades ou características femininas (Bourdieu, 1999; Vale de Almeida, 1995).

No racha não há tiro de meta, quando a bola sai pela linha de fundo qualquer jogador pode sair conduzindo ou tocando para um companheiro de time, que em algumas ocasiões tocam para um menino próximo e arrisca um drible no adversário, o que vai

lhe trazer orgulho se por acaso ele conseguir sucesso na jogada, são nesses momentos aonde se exalta bastante às qualidades individuais dos meninos/jogadores. Eles próprios costumavam se vangloriar da sua habilidade, exaltando a jogada e colocando o adversário como aquele que foi incapaz de tomar a bola. Nesse momento, as brincadeiras e gozações feitas a partir de uma jogada bem construída individualmente ou coletivamente, causavam elogios para quem fez a jogada e de gozações e brincadeiras depreciativas para quem sofreu a jogada.

Como se sabe, no futebol o objetivo final é o gol, mas por trás desse objetivo estão presentes outros elementos que fazem parte do jogo, tais como, uma bela jogada, comemorada ou acompanhada de uma lamentação por ter perdido o gol, "mas pelo menos foi uma bela jogada". A plasticidade do jogo não se concentra no gol, ele é o desfecho de tudo o que acontece nas quatro linhas. São nesses momentos de interação de um menino passando a bola para outro, ou mesmo fazendo uma jogada digna de elogio, que acontece a verbalização de falas que estão carregadas de valores relacionados a masculinidade.

Nos rachas não existe posição determinada, o porém, deslocamento no campo é constante, numa hora um menino está na posição de atacante e pouco depois ele já está na defesa. Em geral, há uma circulação de meninos nas posições, o que se mantém sempre é um menino perto de outro colocado numa posição estratégica para receber a bola. Há também a ausência de goleiros no jogo, o máximo que acontece é que um dos meninos fica próximo às balizas para impedir o gol. Eles, ainda, se constituem como uma das formas lúdicas que fazem parte da rede de sociabilidade na Comunidade. Dentro dessa rede percebe-se alguns elementos, entre eles a segregação sexual do lazer (Franch, 2000).

A construção social da masculinidade se apresenta no contexto dessa segregação sexual, mas também em outras esferas de

sua constituição, como é o caso da exaltação de ser macho em determinadas jogadas. Os covardes, os fracos, são execrados e ridicularizados, se configurando nesse momento da interação social numa hierarquização interna, forte elemento que compõe uma das facetas dessa construção. Bacelar (1991), também, percebeu isso em seu estudo sobre jogo de futebol⁶ em camadas populares. Segundo ele é forte a exaltação do macho forte e viril, aquele que desafia, que não tem medo, caso contrário, ele será desmoralizado, desonrado. Por isso, "abdicar da coragem, não enfrentar o adversário, mesmo quando em desvantagem, se esconder da disputa, será motivo determinante para a desmoralização e a desonra(...)" Assim, torna-se muito comum a designação para esses de 'boneca' e 'menina' (Bacelar, 1991: 97).

Nas observações feitas, notou-se, também, designações que se assemelham as que foram constatadas por Bacelar. No caso analisado, as designações mais comuns encontradas para desmoralizar o adversário quando ele fraqueja, tira o pé de uma jogada mais dura, são as denominações de: "*frangos*", "*maricas*", "*mulherzinha*". Com a palavra os meninos: "Tu é frango? Ninguém pode encostar que tu pede falta, parece que é frango" (André, 11 anos). "Porra cara, tá com medo de jogar. Tu tá nervoso. Ó pra aí o cara, tem medo de entrar numa dividida. Tu não é home não? Tu é frango, é?. O cara lá é home igual a tu" (Augusto, 14 anos).

Os rachas se configuram como um momento especial do lazer dos meninos, colocando em destaque certos aspectos da sua realidade. São mais que um simples "lazer" (recreação consentida), configura-se como a expressão de sua própria sociabilidade. Jogar futebol em campos de várzea é um costume corrente no cotidiano de homens e meninos. E, sem dúvida, pode ser interpretado como um espaço de homosociabilidade, aonde homens e meninos vivenciam e compartilham valores e signi-

ficados de práticas por eles mesmos denominadas de masculinas. O espaço do racha, portanto, realça o laço masculino, na medida em que os meninos dizem como se relacionam entre si e o que significa isso para suas vidas.

Hierarquização interna: estratégias de afirmação da masculinidade

Durante o jogo de futebol percebeu-se grande empolgação por parte dos meninos. Uma bela jogada e um belo drible, se apresenta como um momento de exaltação e explicitação de qualidades individuais. Nas situações aonde aconteciam essas jogadas plásticas, quando de toque em toque os meninos de um time envolvia o adversário com jogadas bem articuladas que nem sempre terminavam em gol, mas findavam com drible bonito, com a bola sendo passada por entre as pernas do opositor, num gingado que causa euforia aos participantes e tomava conta do ambiente do jogo. O jogador que foi vítima da jogada bonita, que permitiu que a bola passasse por entre suas pernas ("*por baixo da saia*" – como dizem os meninos), passa a ser alvo das gozações dos outros meninos. Quando, por exemplo, houve uma jogada bonita, acompanhada de um drible entre as pernas de um dos meninos, ouviu-se: "Isso é pra cartão vermelho, é uma agressão" (Renato, 12 anos); Ao passo que outro menino reforça dizendo: "Ei boyzinho isso não se faz com o menino não!" (Rafael, 13 anos).

O objetivo dessas frases que compõem o cenário da interação entre os meninos tinha dois fundamentos, um era desmoralizar o adversário com gozações que serviam para demonstrar a incapacidade e a posição de inferioridade sob a qual foi colocado, o outro era exaltar qualidades individuais de se achar melhor no assunto futebol. Esses dois fundamentos estão imbricados e funcionam como elemento de formação de qualidades consideradas masculinas e tendem a

Brincadeiras Infantis:
 (Re)construindo as
 Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
 dos Santos

desqualificar o rival/próximo e exaltar suas virtudes. Não se trata de uma agressão física, mas uma bela jogada, fabulosa que humilha o adversário. De fato, no futebol uma agressão é punida com cartão vermelho, excluindo o jogador da partida, as expressões, portanto, sugerem que o agressor que humilhou seu adversário com uma jogada de craque, fosse punido. Não passa de uma ironia que denota, claramente, o reforço da humilhação de quem sofreu o drible, e não a exclusão do menino craque, mas a sua exaltação. Os meninos prosseguem humilhando alegoricamente a um e outro e sendo humilhados alegoricamente por um ou outro, dia após dia (Geertz, 1989).

Expressões desse tipo foram comuns nas observações, pois a construção e afirmação dos significados relacionados à masculinidade passam, também, por hierarquização interna entre eles, estando presente num auto-elogio feito e/ou na proposta de uma pedagogia do ensinamento ao que é colocado em posição inferior. No momento de um lance um dos meninos (13 anos), mais habilidoso, que fez uma bela jogada, pegou a bola no meio campo, passou pelo primeiro adversário, veio o segundo e também foi driblado, sendo a bola colocada entre suas pernas, durante essa jogada o menino disse a seguinte frase: "Visse a saia que eu dei no boyzinho?. Vê se aprende..." (Rafael, 13 anos). Com essa jogada o menino se vangloriou, ficou muito orgulhoso e realçou sua habilidade com a bola, seu gingado, e no mesmo momento insinuou que se o adversário se inspirasse nele, certamente aprenderia como lidar com a bola.

Nos rachas ou peladas, vários foram os momentos que a interlocução entre os meninos que traduziam um tom de hierarquização interna, que não se constitui apenas na exaltação das qualidades individuais, mas, também, na negação das qualidades de outros meninos. Durante o andamento do jogo, nas disputas pela bola os meninos falavam bastante, xingavam o adversário, reclamava, criando, assim, um

verdadeiro duelo verbal, no qual um tenta diminuir e humilhar o outro.

Essa diminuição se apresenta em comentários que denotam uma clara evidência de desmoralização do outro. Quando, por exemplo, um menino saiu vencedor numa partida, ele pergunta a outro que saiu perdedor: "tu não é do time dos fracos não, é?". (garoto de 11 anos), ou incitando ele ao afirmar: "Sandro tá com medo de jogar porque os pirralhos são bons" (Jonas, 12 anos). As comparações entre jogadores também aparecem de forma inevitável. Por exemplo, dois meninos assistiam ao jogo e começaram a conversar emitindo opiniões sobre os outros meninos que jogavam, dizendo: "Ele joga mais do que tu..." (Paulo, 13 anos). Ou então opinando sobre o desempenho de um menino que jogava: "O pirraí não faz gol porque não sabe jogar..." (Paulo, 13 anos), e ainda, "você tem que jogar no Tabajara⁷ (risos)" (André, 11 anos).

Corroborando com a posição de Louro (1975), se pode afirmar que ser o melhor no esporte pode representar, em especial, para um menino ou um jovem, um símbolo forte de masculinidade. Essa forma de valorização dos símbolos relacionados ao modelo hegemônico de masculinidade, é aprendida durante o processo de socialização e através das diversas formas de sociabilidades. Nesse sentido, as atividades lúdicas infantis podem ser consideradas produtoras de sociabilidades sendo, mesmo, centrais no processo de construção social da vivência e convivência infantil. O brincar, então, se apresenta como instrumento no qual as crianças constroem e transformam sua realidade, conjuntamente, renegociando e redefinindo seu mundo (De Conti & Sperb, 2001). As brincadeiras estabelecidas através de uma divisão social do lazer refletem a distinção das funções atribuídas a homens e mulheres.

Pensando na ressonância que essas diferenciações de gênero tem no processo de socialização procurou-se destacar a função simbólica que os jogos, os brinquedos e

as brincadeiras exercem na construção social da realidade infantil, especialmente de meninos que destinam parte de seu tempo ao lazer. O brinquedo, como um objeto cultural, carrega inúmeros significados e serve de veículo para as brincadeiras, ou seja, "sintetiza a representação que uma dada sociedade tem da criança". Assim, "o brinquedo se mostra como um objeto complexo que permite a compreensão do funcionamento da cultura" (Brougère, 1995: 9). Nesse processo, a socialização exerce um forte papel sobre a vida, postura e comportamento dos meninos, visto que desde pequenos são "encaminhados" não só a escolher brinquedos e brincadeiras diferentes daqueles relativos às meninas, mas inculcar valores, sentimentos e conceitos relativos ao se atribui convencionalmente como masculino e feminino.

Feminização do masculino: estratégias de ridicularização do outro

A feminização dos meninos é uma característica marcante no momento de interação nos jogos. Essa feminização adquire relevância nas falas reforçando os sentidos de suas masculinidades. O conjunto de falas coletado expressa claramente que a masculinidade, também, é construída através da negação das qualidades femininas (Bourdieu, 1999; Vale de Almeida, 1995; Sabo, 2002). Para os meninos, ser igualado ao feminino é ser colocado numa posição inferior na hierarquização do universo masculino. No fervor do jogo os meninos, costumavam falar muito, seja xingando o outro ou exaltando suas qualidades. Quando acontecia uma jogada que merecia destaque, quem a fez reforçava através de autoelogio e, concomitante, da desmoralização de quem foi vítima da referida jogada. O comentário tanto de quem assistia quanto do próprio autor da jogada era expressa dessa forma: "Ô prai, tu só leva na saia" (Gustavo, 11 anos).

Outros elementos que compõem as características de feminização são expressas em situações de interação entre os meninos. Enquanto a bola rolava, um grupo de meninos que assistia ao jogo fazia comentários do tipo gozações e insultos que, geralmente, geravam muitos risos. Nesse momento, um dos meninos anunciou que estava indo para casa, o pôr-do-sol ainda não tinha chegado, alguns meninos opinaram sobre o assunto e um deles disse: "Ele é um marica, quer ir para casa mais cedo" (Renato, 12 anos); "Deixa de donzelisse. Que donzelisse da porra!" (Silas, 11 anos).

Frases ambíguas que podem denotar relações com a própria masculinidade, no sentido de associá-lo a um homossexual através de insinuações com os órgãos genitais e massagens, também, fazem parte dos comentários dos meninos. O grupo de meninos, acima citado, continuou opinando e fazendo gozações com os que jogavam, um dos meninos, por exemplo, se dirigindo a outro que jogava disse: "A minha 'torcida' é sua" (Rafael, 13 anos),⁸ sendo retrucado da seguinte forma: "vai prá lá com essa, eu dispenso sua torcida" (Rodrigo, 13 anos), ou ainda, quando houve uma jogada de falta e um dos meninos estava no chão, demonstrando que estava sentindo dor, um dos meninos disse a outro que também assistia ao jogo: "Massageia o cara lá, ele está machucado" (Renato, 12 anos); e o outro responde: "Vai tu, tu não és o massagista do time (...)" (Jorge, 14 anos).

Ainda sobre a feminização do masculino, ocorreu um episódio interessante que reflete a concepção que alguns meninos tem sobre "coisas de meninas". Quando, encaminhando-se em direção ao campo de futebol, um dos meninos pediu que esperassem por ele porque tinha que chamar dois amigos para ir, também jogar, quando retornou sem nenhum dos amigos, foi perguntado por qual motivo os amigos não vieram, o menino respondeu: "Fulano de tal disse que vinha depois, e o outro fulano não veio porque está assistindo novela, vocês não sabem que ele gosta de vê novela" (Rafael, 13 anos), ao que outro

Brincadeiras Infantis:
 (Re)construindo as
 Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
 dos Santos

menino retrucou: "Aí é? Então, agora eu vou começar a tirar onda com ele" (Renato, 12 anos). Essas falas mostram que para esses meninos assistir novelas, ainda, é uma prática feminina.

Feminizar o outro, também, se expressa através do domínio da força física. Em determinadas jogadas mais ríspidas, por exemplo, alguns meninos reclamavam muito, interrompiam o jogo e começavam uma pequena discussão entre eles para esclarecer e chegar a um denominador comum, mas não havia um consenso a respeito da rispidez utilizada. Quando acontecia algum choque físico havia muita contestação, os espectadores também opinavam sobre a jogada. Quando havia discordância quanto a uma falta pedida, ouvia-se, muitas vezes, um coro cantarolado por um grupo de meninos que dizia: "Ele é menina, ele é menina..."; "Ele é uma mocinha, como pode pedir falta numa jogada dessa".

Dizer palavras afrontosas ao adversário e desqualificá-lo, quase sempre, está relacionado à apresentação de características que os meninos entendem como sendo femininas. Mediante qualquer sinal de fraqueza e/ou falta de habilidade no jogo os insultos são adjetivados na lógica de feminização dos meninos.

Seja homem! Uma incitação ao modelo hegemônico de masculinidade

Outra característica presente nas atividades lúdicas observadas versa sobre o reforço da virilidade, indicador da afirmação da masculinidade. Isso ficou bem evidente nas próprias falas dos meninos. Durante o jogo que se desenrola com toques de bola, dribles e gols, as jogadas mais duras geravam muitas discussões e controvérsias entre os meninos, pois quase sempre o pedido de falta era contestado. Quando um dos meninos entrava duro em outro e esse outro pedia falta dos jogadores de cada equipe argumentavam sobre a veracidade e

necessidade de conceder a falta fazendo com que o próprio menino que sofreu a entrada mais dura passasse a ser questionado sobre sua virilidade masculina. Veja nessa fala o que diz o companheiro de equipe: "É pra jogar duro, firme" (Jorge, 14 anos); "Marca, pega, deixa de moleza, marca firme" (Beto, 13 anos); "Ah! o boy tá com medo, bora boy acorda, pega, não é pra jogar com medo não". (Beto, 13 anos). O revide verbal, também, acontece quando um menino recebe uma falta. É quando surgem ameaças no campo das verbalizações, o que não implica que de fato as ameaças sejam traduzidas em ações concretas, como nessa expressão: "Êta porra gordo, tu vai vê, eu vou te derrubar no chão" (Jorge, 14 anos).

Outro momento em que se percebe uma desmoralização do adversário é quando ao feminizar o companheiro tal insulto vem acoplado aos termos fraqueza e fragilidade na situação de uma jogada concluída sem sucesso, por exemplo, perder um gol em situação que não se esperava perder: "como é que se perde um gol desse. Desses aí até minha avó fazia (...)" (Rafael, 13 anos). Nessa lógica, a fraqueza e a fragilidade tornam-se incompatíveis com o *ethos* masculino e são expressas numa resposta direta ao adversário. O embate físico é, assim expresso como sinônimo de força atribuído ao universo masculino. Jogar com medo equivale a ser considerado "fracote", "mole", "uma mocinha", "um frango"⁹ (Baccalar, 1997). Essas características representam uma (re)afirmação da masculinidade, considerando que, normalmente, o modelo hegemônico de masculinidade se pauta na negação dos adjetivos ligados ao feminino e quando esses são usados tem o sentido de inferiorização.

Participação feminina em coisas masculinas

A vasta literatura que versa sobre as diferenças de gênero no cotidiano e seus reflexos na construção social da mas-

culinidade¹⁰ tem demonstrado como simbolicamente essa diferenciação se apresenta na vida, nas mais diversas formas de expressões cotidianas. Relacionando às observações constatadas nesse estudo confirmam-se as fronteiras existentes entre as esferas masculinas e femininas. Quase sempre, existe interdição explícitas e/ou sutis¹¹ sobre como meninos e meninas devem ser e se comportar em diferentes situações, sob diversos aspectos, instâncias (família, escola, vizinhos e os próprios meninos) e formas de sociabilidade.

Apesar de, ainda, ser forte a concepção de que existe um campo de atividades lúdicas que indica a diferenciação dos espaços de gênero, já se observa a participação feminina em jogos e brincadeiras considerados masculinos. Essa situação apareceu na investigação, quando as meninas ao notarem que estava acontecendo torneios de futebol com meninos na Comunidade passaram a reivindicar a participação delas próprias no torneio. O representante comunitário foi inquirido, várias vezes, por elas sobre a realização do torneio de futebol feminino.

A princípio se pensou em fazer um torneio misto com a participação de meninos e meninas, mas por duas ocasiões as meninas não compareceram ao torneio, a realização ficou restrita à participação dos meninos. É importante destacar que os meninos não gostavam da idéia de jogarem com as meninas. Para eles as meninas não sabiam jogar: "elas só sabem dá porrada. Parece umas doidas jogando. Eu mesmo não gosto de joga contra elas porque ela entra com uma doidice e acaba machucando a gente" (Paulo, 13 anos). Até um certo momento, mesmo sem ter participado de nenhum torneio, as meninas continuaram de forma sutil (Romanelli, 1995; Rocha-Coutinho, 1994) cobrando um jogo de futebol, mas pediram que o torneio fosse só com as meninas. Notou-se essa preocupação quando uma menina perguntou: "mas o jogo é só entre as meninas, não é?". Certo dia, jun-

tamente com o representante comunitário e uma amiga, contactou-se com as meninas para confirmar o tão esperado o jogo. Nesse contato, algumas meninas falavam em tom de brincadeira que "as canelas [delas] iam sair todas quebradas" (Maria, 14 anos), outra aproveitando o ensejo disse: "e se a gente quebrar uma perna... vai ter que levar a gente no hospital" (Carla, 15 anos).

Feito o contato e tendo combinado o jogo para o dia seguinte, foi-se até a residência do representante comunitário para fazer os ajustes finais, estando lá chegou um rapaz que ouvia a conversa e disse: "As meninas não sabe jogar, no máximo elas correm atrás da bola. Tem menino que não sabe jogar, imagina as meninas" (Jorge, 14 anos). Ou, ainda esse que diz: "elas não sabem jogar direito entram nas jogadas quebrando, dando porrada" (André, 11 anos). E esse outro: "aquelas dali, (risos) não sabe jogar é nada" (Gilberto, 8 anos). Isso denota uma concepção que relaciona o futebol ao masculino. Há um certo descrédito quanto à habilidade futebolística feminina, através da comparação rotineira de que os meninos são melhores. Diferente dos meninos que tinham faixa etária entre sete e quinze anos, as meninas que queriam jogar tinham idade mais avançada, a mais jovem tinha treze anos e a mais velha tinha dezessete anos.

No sábado, no horário marcado, chegou-se à Comunidade. As horas foram se passando e nada de aparecer meninas, algum tempo depois apareceu uma menina, aquela que tinha se mostrada mais interessada em jogar. Perguntou-se, então, a ela porque o número reduzido de meninas e o porquê da demora. Ela respondeu dizendo que achava que foi por falta de vontade de jogar e/ou por outros compromissos. Quanto à demora em aparecer meninas para jogar disse que uma delas dormiu até tarde e as outras três só puderam sair de casa depois de fazer as tarefas domésticas (arrumar a casa e cuidar do almoço), senão a mãe delas não deixaria elas saírem de casa.

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

Todos se dirigiram, então, para a rua onde foi realizado o jogo com a presença de apenas quatro meninas formando as equipes com duas meninas cada equipe. Elas decidiram colocar dois adolescentes para jogar, um para cada lado. A princípio ficou acordado entre elas que os meninos não poderiam fazer gols, no entanto, essa regra logo passou a não valer e eles jogaram fazendo até, mesmo, gols. Durante o jogo das meninas, alguns meninos que tinham participado em torneios anteriores apareceram para assistir e fizeram alguns comentários sobre o desempenho das meninas: "não sei como vocês botam jogo de meninas" (Jonas, 12 anos). Houve, ainda, comentários sarcásticos sobre os seios avolumados de uma das jogadoras: "mata de peito... que peitão, heim!". O jogo transcorreu, normalmente, a platéia não se omitia em dar opiniões sobre o jogo em si e sobre o futebol das meninas, mas sempre exaltando a melhor qualidade técnica dos meninos no futebol: "as meninas jogam bola de futebol, só que a gente joga mais do que elas porque nós jogamos todos os dias e elas não" (Tiago, 10 anos).

A pequena inserção feminina no mundo do futebol, na opinião dos meninos, tem explicações adversas, para uns "as meninas não jogam futebol porque não gostam" (Marcelo, 13 anos), para outros o motivo é a interdição das mães que ocupam as filhas com os afazeres domésticos, como mostra a fala desse menino: "as mães trabalham fora e deixam as meninas tomando conta de casa, é por isso que elas não deixam as meninas jogar" (Paulo, 13 anos).

Terminando o jogo, cada um seguiu seu caminho de volta para casa, mas eu e o representante comunitário conversávamos sentados na calçada da rua onde aconteceu o jogo. Falávamos sobre diversos assuntos, sendo o assunto principal a criação dos filhos. O representante comunitário, expressando a sua opinião fez uma comparação sobre a forma de criação dos filhos de tempos atrás com os dias atuais, além de

comentar, também, sobre as formas de namorar de antes e as atuais. Veja alguns trechos da conversa desse senhor de 56 anos:

Meu filho o tempo está mudado, você não alcançou, mas teve um tempo onde a gente não via a canela de uma mulher. Quando um home via o corpo de mulher era um maior segredo, ninguém ficava sabendo, quando se sabia era um escândalo. Hoje tá tudo diferente... recente eu vi um desfile de biquíni na televisão e a gente chegava a vê quase tudo, até os pêlos da 'xereca'. Antigamente existia respeito. Outra coisa, antigamente quase não se via 'frango' (gay) e quando se via era coisa de maior segredo, coisa de outro mundo. Hoje não, o que mais se vê é 'frango' aqui mesmo no Brasil tem um bocado. A semana passada morreu um 'frango' que era da macumba e o que apareceu de 'frango' tudo vestido de branco você nem imagina, rapaz tinha mais 'frango' do que gente.

Percebe-se, na visão de mundo do representante comunitário, que existem maneiras diferentes de educar meninos e meninas, rapazes e moças. Para ele, o mundo de hoje encontra-se "perdido" devido a existência de uma liberalidade exacerbada, especialmente, por parte das próprias mulheres que estão cada vez mais ousadas, tanto no comportamento como nas formas de se vestir. Vários são os elementos que podem ser extraídos desse discurso, acima mencionado, no que diz respeito à secção de mundos masculinos e femininos. A virgindade, o resguardar-se, a não exposição física e verbal, são algumas categorias usadas para determinar o lugar (em termos de comportamento e prática) das mulheres como seres dignos e corretos, ao mesmo tempo que, também, mostra a imunidade eleita ao homem nesses quesitos e comumente expressa pelo senso comum como "em homem nada pega" ou "não tem nada porque ele é homem".

Outra passagem da fala que merece destaque é a imposição de que o masculino

seja de fato homem, digo, tenha preferência sexual pelo feminino e se comporte como macho nas ações e vestimentas, ou seja, falar grosso e ter atitudes másculas. A condição de ser homossexual, apesar de, geralmente, ser desprezada e rechaçada, ainda, é admitida quando escondida e limitada ao espaço privado. Essas divisões sexuais geradas e mantidas cotidianamente criam espaços de sociabilidade que são "naturalizadas" como pertencentes a um ou outro gênero. E mesmo quando existe a participação de um gênero em atividades consideradas do outro, quase sempre, existe um efeito controlador sobre essa "intromissão".

A inserção feminina em espaços considerados tradicionalmente masculinos, muitas vezes, concebida como um desvio, é ressaltada em várias dimensões da vida cotidiana, como por exemplo, em letras de músicas, como essa:

"Teco teco teco teco teco teco

Na bola de gude

Era o meu viver

Quando criança no meio da garotada

Com a sacola do lado

Só jogava pra valer

Não fazia roupas de bonecas

Nem tampouco convivia

Com as garotas do meu bairro

Que era natural

Vivia em poste, soltava papagaio

Até meus catorze anos

Era esse o meu mal..."

Teco teco

(Pereira da Costa - Milton Vilella)

Perceber como desviante a participação feminina em áreas consideradas masculinas compõe o repertório da segregação sexual presente, claramente, em diversas atividades, e não é diferente nas formas de lazer. A letra da música, acima, mostra bem a atuação feminina nos espaços de socia-

bilidade masculinos como algo não natural, pois para sê-lo era preciso que a convivência se desse com seus pares femininos. Então, brincar de bola de gude, soltar papagaio, viver em poste acaba por ser um mal para uma garota, indicando, assim, uma orientação no sentido da separação das atividades lúdicas por gênero estarem incutidas de uma visão de mundo que classifica os modos operantes de ser masculino e feminino (Bourdieu, 1999).

Sobre a inserção feminina nas formas de lazer tradicionalmente "destinadas" ao masculino, especificamente o futebol, notou-se ser comum uma quantidade superior de homens nesse contexto. Tal fato se deve, principalmente, às formas de como são criados (socializados) homens e mulheres. E mesmo hoje com a crescente participação das mulheres no futebol, ainda, percebe-se que esse espaço continua carregado de significados que são socialmente relacionados ao sexo masculino.

A presença de mulheres nesse espaço carrega, em si, duas características ambíguas, por um lado, a presença feminina em lugares masculinos significa mudanças, por outro lado, a evidência de um reforço à ideologia masculina, na medida que é cobrado das mulheres, que estão nesses espaços, características de feminilidade (meiguice, docilidade, paciência), e também qualidades físicas (beleza, charme, vaidade, etc.), indicando permanência de uma situação que tradicionalmente elegeu o homem como supremo.

Essa argumentação cria força a partir de alguns exemplos presentes na realidade futebolística. No campeonato brasileiro de futebol de 2003, numa das rodadas em que jogaram Guarani de Campinas e o São Paulo futebol clube, a comissão de arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol escalou um trio de arbitragem feminino para apitar o jogo.¹² Durante a semana que antecedia a partida a crônica esportiva brasileira procurou gerar algumas polêmicas nos meios de comunicação impresso ou falado. Lia-se e ouvia-

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

se comentários sobre o jogo e a arbitragem, muitos colocando em questão a competência do trio feminino de exercer tal função, principalmente, num jogo de tamanha envergadura. Foi sugerido, inclusive, que se fizesse uma mesclagem no trio colocando algum homem como bandeirinha do jogo, para dar mais segurança a árbitra central do jogo.

No dia do jogo todos os holofotes do estádio Brinco de Ouro¹³ estavam voltados para esse fato novo no futebol brasileiro, a imprensa toda estava mobilizada para acompanhar o desempenho do trio de arbitragem, no entanto, se percebia que os câmeras men estavam mais atentos em filmar as partes sedutoras do corpo feminino, confessando, muitas vezes, a displicência no trabalho pelo desvio de atenção ao contemplar a beleza do corpo feminino da juíza e bandeirinha.¹⁴ Durante a partida e até o seu final, o trio de arbitragem deu um exemplo de excelente profissionalismo, não houve um erro sequer (mesmo quando alguns lances geravam alguma dúvida e tinha que dissipá-la recorrendo a tecnologia televisiva através do tira-teima).

No final do jogo o trio de arbitragem foi parabenizado, por parte de alguns da imprensa, pela excelente atuação, mas foi fortemente criticado e desprestigiado pela torcida do time derrotado, como se pode observar na frase de um torcedor do Guarani que diz: "É no mínimo uma palhaçada colocar quatro mulheres para apitar um clássico como esse entre Guarani e São Paulo, faltou peito para as duas bandeirinhas que foram somente nos gritos do Rogério, como no segundo gol do Guarani".¹⁵ É importante destacar dois aspectos importantes quanto a essa declaração. O primeiro diz respeito ao fato de, quem fez o comentário ser torcedor do Guarani, time derrotado na partida, o segundo refere-se ao imaginário popular dos homens de se acharem mais capazes do que as mulheres para julgarem e jogarem futebol.

A imprensa, também, estranhou o fato do trio ter tido um desempenho acima da média,

ainda mais por serem mulheres, veja o comentário de um cronista esportivo: "Isso é inédito no futebol brasileiro. Um jogo oficial sendo apitado só por mulheres. Quem diria heim! Elas estão chegando em todos os postos de destaque e com muito trabalho, objetividade e méritos que só elas tem". Esse comentário realça a inserção das mulheres nos espaços até pouco tempo considerados exclusivos dos homens, mas não deixa de ter uma pitada de espanto com a inserção e desempenho delas nesses espaços. Em um programa esportivo,¹⁶ em rede nacional, muito se falou das características relacionadas ao que comumente se associa à feminilidade, como beijinhos antes de começar a partida como sinal de boa sorte e a maquiagem utilizada antes do jogo. Além disso, ouviu-se frases do tipo: "juíza de futebol, mas sem perder o lado feminino", uma alusão ao hábito da árbitra entrar maquiada para apitar o jogo.

Enfim, não se pode mais negar a inserção feminina em espaços masculinos e vice-versa, no entanto, essa participação carrega uma ambigüidade, pois aspectos que fazem parte de um ideário que diferencia homens e mulheres, também, se apresentam na configuração das relações estabelecidas com essa nova inserção. Há mudanças, mas elas são pequenas e talvez isso se deva ao fato de, ainda, estar presentes elementos que fazem parte de um processo forte de socialização que segrega, separa e desigualta homens e mulheres. Processo esse que também sobrecarrega o homem com exigências de comportamento e atitudes que lhes são impostas para que sejam fortes, bravos, destemidos, másculos, que tenham apreço por números, que não chorem, não se emocionem e não atuem de forma feminina.

Em geral, se pode dizer que a pesquisa de campo mostra através dos vários relatos, que o processo de socialização, em diversas instâncias, aqui particularmente as atividades lúdicas infantis, se apresentam fortemente como lócus de produção e re-

produção das diferenciações e desigualdades de gênero. No entanto, os dados mostram que, embora de menor intensidade, esse processo de socialização já evidencia mudanças que vieram ou tiveram o seu estopim com o movimento feminista, desembocando na participação feminina em várias esferas do espaço público com reflexos que se estendem em nível familiar através das relações de gênero no espaço doméstico, a exemplo a criação dos filhos.

Considerações finais

As atividades lúdicas infantis não funcionam como a matriz geradora e única dessa construção social de gênero, mas se constituem como um dos instrumentos de (re)significação das formas de conceber as diferenciações e desigualdades entre os gêneros, considerando que as diferenciações de gênero trilham um percurso anterior, mais extenso e amplo, que engloba outras esferas das relações sociais. A existência de jogos e brincadeiras específicos para meninos e meninas indicam que o conhecimento da existência dessa diferenciação acontece via práticas cotidianas apreendidas na família, escola, igreja, futebol, meios de comunicação,¹⁷ relações de vizinhança, etc.

As falas dos meninos que compõem o universo de pesquisa revelaram que as atividades lúdicas infantis apresentam especificidades quanto à demarcação de fronteiras, às vezes não tão rígidas, entre as atividades consideradas masculinas e femininas. Constatou-se que a "intromissão" de um gênero, masculino ou feminino, nas

brincadeiras e jogos considerados, tradicionalmente, do outro gênero é regido por um controle social que é expresso através de gozações que inferiorizam o "intromissor", no sentido de alertá-lo do desvio cometido em relação às regras e normas de formação e estabelecimento do gênero ao qual pertence.

Sendo assim, as atividades lúdicas infantis apresentam algumas características que definem a formação da masculinidade. Uma delas trata-se da inferiorização do adversário atribuindo-lhe adjetivos considerados femininos, definindo a formação do *ethos* masculino que é construído de forma construtiva (Badinter, 1993), ou seja, na medida que se diz o que é, dizendo o que não é, e/ou o que não quer ser. A outra diz respeito à exaltação de qualidades que acreditam pertencer ao universo masculino, tais como virilidade, fortaleza, dureza, etc. A necessidade de afirmar, defender, celebrar, justificar e vivenciar a masculinidade está fortemente reservada às atividades lúdicas. Nesse sentido, as atividades lúdicas infantis são fundamentalmente uma das dramatizações da socialização que é responsável, também, pela construção da masculinidade ou um meio de expressão dessa.

Analisar as atividades lúdicas é, pois, adentrar-se às formas culturais de gênero, no sentido de traçar, diagnosticar e decifrar os códigos e valores que compõem a masculinidade. Colocada em foco, as atividades lúdicas registram a realidade social através dos jogos e brincadeiras, mas a traduz para além dos jogos e brincadeiras em si. Configuram-se, na verdade, como uma das chaves decifradoras das relações de gênero e (re)significação das referidas relações.

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

Notas

¹ Entende-se que a prática etnográfica conduz a uma forma de conhecimento que possibilita a apreensão dos modos como são significadas, pensadas, ditas e vividas as coisas, deixando claro que esta forma de conhecimento representa uma leitura interpretativa dos sistemas simbólicos, decodificados nas ações das pessoas. Interpretar os estilos, os modos de fazer as coisas e também de brincar, traduzem a(s) forma(s) que indivíduos e sociedades se definem. Essa definição obedece a um aspecto duplo, intrínseco, pois dá sentido à realidade social e psicológica, modelando-se em conformidade à sociedade e ao mesmo tempo modelando-a a eles mesmos (Geertz, 1989).

² ZEIS – Áreas de assentamentos habitacionais da população de baixa renda, surgidos espontaneamente, existentes, consolidados ou propostos pelo poder público, onde haja possibilidade de consolidação fundiária (URB Recife. In: Regiões Político-Administrativas do Recife – Região Sul – RPA 6, volume 7. Recife, 2001). As áreas ZEIS têm um canal de representação direta com a comunidade e são assistidas pela URB, através do Fórum do PREZEIS – Programa de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social. (Para uma melhor compreensão sobre o PREZEIS, ver Mendes, 2000).

³ Segundo Bourdieu são internalizações obtidas através do processo de socialização. São fortemente estabelecidas no corpo social devido ao caráter simbólico que trazem em si e as naturalizam, mas que não significa dizer que os sujeitos são receptores passivos dessas disposições internalizadas. Além de acatarem aprendizagens, eles reagem, as recusam e as (re)significam.

⁴ Entenda-se quase tudo, porque os jogadores estabelecem regras próprias entre eles que se aproximam das regras do futebol profissional.

⁵ Raramente esse número crescia para 4 jogadores em cada equipe, quando acontecia tinha uma razão: uma quantidade maior de meninos que queriam jogar. Mas, isso desembocava em outra coisa: era necessário aumentar o tamanho do campo.

⁶ O autor referido denomina de "baba" ao que em nossa pesquisa chamamos de "rachas" ou "peladas".

⁷ Este comentário foi feito por menino que já tinha jogado uma partida e saiu-se vencedor. Quando se referiu a "tabajara" estava debochando da equipe que a seu time tinha derrotado de goleada. No Programa Humorístico Casseta e Planeta da Rede Globo de Televisão existe um time cujo nome é "Tabajara Futebol Clube", considerado o pior time do mundo.

⁸ Expressão usada de forma ambígua por um dos meninos para oferecer seu pênis para outros meninos.

⁹ Expressão dita por um dos meninos para insinuar homossexualidade. É comum na região metropolitana do Recife o uso do termo "*frango*" como sinônimo de Gay.

¹⁰ Melo, 2003; Mendes, 2000; Bourdieu, 1999; Nascimento, 1999; Couto, 1998; Duque-Arrazola, 1997; Vale Almeida, 1995; Roazzi, 1995; Scott, 1990.

¹¹ Sobre esse aspecto ver Bourdieu (1999) que fala dessa forma simbólica de dominação.

¹² Veja a ficha técnica do jogo: Guarani 0 X 1 São Paulo, Local: Estádio Brinco de Ouro (Campinas-SP), Data: 29/06/03, Renda: R\$ 132.418,00, Público: 11.697 pagantes, Árbitra: Sílvia Regina de Oliveira, auxiliada por Ana Paula de Oliveira e Aline Lambert.

¹³ Estádio de Futebol do Guarani, situado na cidade de Campinas-SP.

¹⁴ A emissora a qual se refere é a Rede Bandeirantes de Televisão e o Programa esportivo, da emissora, chama-se Esporte Total, comandado por Jorge Kajuru.

¹⁵ In.: www.imperioalverde.com.br/feminina.asp

¹⁶ Rede Record de Televisão, Programa Super Técnico comandado por Milton Neves.

¹⁷ Para maior aprofundamento sobre a construção social da masculinidade nos meios de comunicação ver Medrado (1997).

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

Bibliografia

- BACELAR, J. *Gingas e Nós*. Salvador, 1991.
- BADINTER, Elizabeth. XY – *Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BELOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CARVALHO, José Jorge. "O jogo das bolinhas de vidro: uma simbólica da masculinidade". In: *Anuário Antropológico*. Brasília: UNB/Tempo Brasileiro, 1987.
- CONNELL, Robert. W. "La Organización Social de la Masculinidad". In: VALDÉS, Teresa y OLAVARRÍA, José (eds). *Masculinidades: Poder e Crisis*. Chile, Santiago: Ediciones de las mujeres, Nº 24, 1997.
- COUTO, Márcia Thereza. *(Re)definindo espaços: mulheres, ação política e relações de Gênero*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE/Recife, 1996. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).
- DE CONTI, Luciane; SPERB, Tânia Mara. *O brinquedo de pré-escolares: um espaço de resignificação cultural*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 17, n. 1, p. 59-67, 2001.
- DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. "O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza". In: MADEIRA, Felícia Reicher (org.). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. In: Horizontes Antropológicas, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, outubro de 1998.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- MELO, Lígia Albuquerque de. *Relações Sociais de Gênero na Agricultura Familiar: o caso de Afogados da Ingazeira*. Recife-Pe, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPE/Recife, 2003. (Tese de Doutorado).
- MENDES, Mary Alves. *Mulheres no PREZEIS. Conquistando a cidadania e redefinindo as relações de gênero*. Recife-PE, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPE/Recife, 2000. (Dissertação de Mestrado).
- MEDRADO DANTAS, Benedito. *O masculino na mídia. Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira*. São Paulo, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. PUC/São Paulo, 1997. (Dissertação de Mestrado).
- NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes do. "Ser homem ou nada": diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico de masculinidade em Camaragibe-PE". Recife-PE, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE/Recife, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. "Discursos sobre a Masculinidade". In: *Revistas Estudos Feministas*. IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.
- PAULSON, Susan. Sexo e gênero através das culturas. In.: *Coletânea Gênero Plural/organizadores: Miriam Adelman, Celsi Brønstrup Silvestrin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.
- PIAGET, Jean. *A Formação do Símbolo na criança: imitação, jogo e sonho - Imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- Prefeitura Municipal do Recife. *Regiões Político-Administrativas do Recife*. Região Sul - RPA 6, volume 7. URB. Recife, 2001.
- _____. Região Oeste - RPA 4, volume 5. URB. Recife, 2001.
- ROAZZI, Antonio, TEIXEIRA, C. Adriana, CORDEIRO, Carlos José A. *A Representação da participação Masculina no Âmbito Doméstico: investigação sobre a distribuição de atividades domésticas entre casais em famílias de nível sócio-econômico baixo*. XXV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto – SP, outubro de 1995. Mimeo.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant (org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In.: *Coletânea Gênero Plural/ organizadores: Miriam Adelman, Celsi Brönstrup Silvestrin*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SANTOS, Valdonilson Barbosa dos. *A Construção social da masculinidade sob o foco das atividades lúdicas infantis*. Recife-PE, Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE/ Recife, 2003. (Dissertação de Mestrado).

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991.

SCOTT, Russell Parry. *O Homem na Matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: (73) 38-47, maio, 1990.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si - Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

VOLPATO, Gildo. *Jogo e brinquedo: reflexões a partir da teoria crítica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 23, n. 81, p. 217-226, Dez. 2002. ISSN 0101-7330.

Sites:

www.imperioalviverde.com.br/feminina.asp

www.guaranifutebolfeminino.hpg.ig.com.br/arbitragem_feminina.htm

www.esportes.terra.com.br/2003/06/29/045.htm

www.futebolinterior.com.br/paginas/grito.pop?gg_id=1299

www.maiscomm.com.br/maisesporte/news.asp?newsid=186

www.futebolpr.com.br/semanal/210303.shtml

pt.uefa.com/trainingground/news/kind=512/newsId-86894.html

Brincadeiras Infantis:
(Re)construindo as
Relações de Gênero

Valdonilson Barbosa
dos Santos

